

# Ponte romana no rio Tuela e síntese das vias e pontes romanas no nordeste trasmontano

POR

**António Maria Mourinho**

Licenciado em História — F. L. Porto  
Sócio da Soc. Portuguesa de Antropologia

Não são muito frequentes as pontes romanas em Terras de Bragança, o mesmo é dizer que no Nordeste Português, apesar de terem sido atravessadas por mais do que uma via e de serem bastante frequentes os cursos de água (embora de pouco volume e duração, nas zonas planálticas de Miranda e Mogadouro) sobretudo no Norte e Sul e nas zonas mais acidentadas entre as confluências dos rios Sabor e Tua.

Deve ter sido um facto geral as vias romanas da região bragançana, no princípio da ocupação, seguirem sobre os carreiros trilhados pelas gentes castrejas, as «breias», ou «vereias» (de «vereda»(m)), evitando o mais possível os grandes cursos de água. Quando surgiram depois os grandes centros administrativos ou militares, como Astorga, Bracara, *Aquae Flaviae*, e as explorações dos grandes centros mineiros das Médulas, no Bierzo em Leon, de Três Minas, em Vila Pouca de Aguiar e do ferro no Roboredo, perto de Moncorvo, aumentaram os volumes e as necessidades de transportes. As legiões viram-se, com certeza, obrigadas a encurtar e forçar algumas passagens de rios, montes e desfiladeiros, construindo pontes e calçadas em zonas íngremes e difíceis, algumas das quais ainda perduram como a de Murça, talvez a de Alpajares perto de Freixo de Espada-à-Cinta, e algumas pontes entre Chaves e Braga, esta a que nos vamos reportar entre Bragança e Valpaços, ainda

serve o grande trânsito dos nossos dias, na antiga via de Braga a Astorga, por *Aquae-Flaviae*. As grandes obras de arte impuseram-se, no traçado das grandes vias.

Vinda do Norte, desde Leon e Astorga, descia a grande via romana que se dirigia a Zamora e Salamanca para o centro da Península, e incidia para Poente, entrando no actual território português, dirigindo-se a Braga e Chaves, desde o castro de Gimonde, por Castro de Avelãs e Gostei. Daqui, parece que se dividia em dois ramos, indo um mais por Norte, passando por Vinhais e outro pelo norte da Serra de Nogueira, por Rebordãos, Edrosa e Lamalonga, bordejando a Torre de Dona Chama, é forçado a atravessar o rio Tuela, a três quilómetros, na *PONTE DE PEDRA*, atravessa o rio Mente, próximo de Vale Telhas, aos Possacos e Valpaços.

De Valpaços, um ramo seguia a Chaves e outro seguia para Braga e Portus Cale, por Murça, onde se identifica a calçada que já citamos, e julgo que a Ponte velha de Murça.

No concelho de Boticas, ainda se identifica a ponte romana de Carvalhelhos, Ponte Pedrinha, de onde há poucos anos foi desviado o trânsito rodoviário para Braga, pela sua estreiteza, e construída uma ponte moderna paralela, de betão. Um dos pequenos arcos da velha ponte, do lado nascente, encontra-se presentemente atesoado com madeira por ameaçar ruína e julgamos que certamente terá sido abandonada pela Direcção de Estradas do distrito competente.

A Nordeste do Distrito de Bragança, descendo também de Norte, desde Ferreras de Arriba, como identifica Gomez Moreno <sup>(1)</sup>, desde Astorga, vinha uma via secundária, águas vertentes ao Douro e ao Sabor, paralela aos dois, sem miliários,

---

<sup>(1)</sup> Manuel Gomez Moreno, *CATÁLOGO MONUMENTAL DE ESPAÑA — ZAMORA*, Madrid, 1927, págs. 56-57. Em 1972, estive em Rabanales, 10 quilómetros a Norte de Alcaniças, onde os aldeãos daquela localidade, lavradores e pastores me confirmaram as afirmações de Gomez Moreno de 1927. Naquela povoação passa a *carretera mourisca*, «*que era una cañada de 90 passos de ancho*», no pasaba por ningun pueblo y benia de Astorga para Portugal, en ciertos locales aun mantiene los 90 passos de valle, en otros avanzaron las propiedades o tierras de labranza.»

mas que o povo identifica como «estrada mourisca», e já citada em um documento afonsino de 1172 com o nome de «*carril mourisco*» (1). Entrava em Portugal, pelo sítio chamado Cruz da Canda, ou Cândena, entre as povoações raiano-mirandesas de Cicouro e Constantim, cortava o centro do actual concelho de Miranda do Douro e seguia para Sul, quase paralela à actual via férrea do vale do Sabor, até à serra do Reboredo, perto do Felgar, onde bifurcava ou trifurcava em três ramos, seguindo o da direita, por Felgar e Castro do Baldoeiro, onde apareceu a célebre inscrição que identifica ali a «*Civitas Baniensium*»; seguia pelo castro dos Anúncios, junto de Vilarelhos, onde o ano passado apareceu a necrópole romana (páleo-cristã?), mais uma estela ou cipo funerário com restos de dupla inscrição e a cabeça de guerreiro lusitano em granito do séc. I. Daqui seguia para Norte, a passar à ponte romana de Abreiro (em ruínas) e daqui para Valpaços, Chaves e Braga. O ramal do centro continuava para o Pocinho, atravessando o Douro (em barcas ou jangadas), subia a Foz-Coa e por Longroiva seguiria até Aemínium, por Viseu, e para Portus-Cale por Lancóbriga; o da esquerda, atravessava a serra do Reboredo, caras ao meio-dia, para Felgueiras, onde apareceram 2 estelas que identificam soldados romanos, daqui para Urros (?) e Freixo de Espada-à-Cinta, e depois pela calçada de Alpajares (?) (2), e ramificava para Barca de Alva e para Salamanca (3).

É fora de dúvidas que os romanos exploraram as minas de ferro de Moncorvo, no local onde hoje se estão fazendo as

---

(1) Rui de Azevedo, *DOCUMENTOS MEDIEVAIS PORTUGUESES — Os Condes Portucalenses e D. Afonso Henriques*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1958, pág. 410, Documento n.º 310. Este *Carril Mourisco*, citado pelo documento afonsino, ainda hoje é denominado nos povos, cujos termos atravessa, por *Estrada Mourisca*, e todo o local paralelo de um lado e doutro denominam simplesmente *Mourisco*.

Em Prado Gatão, a 200 metros da capela de Santa Bárbara, a poente do Cabeço da Trindade, há uma *Fonte do Mourisco*.

(2) Abade de Baçal, *Memórias...*, Vol. IX, págs. 211.

(3) Maluquer de Motes — *Carta Arqueológica de Salamanca*, 1956, págs. 41-24.

explorações daquele minério recolhido a céu aberto em grande quantidade.

Esta via que descia pelo planalto mirandês não atravessava cursos de água apreciáveis, apenas diminutas ribeiras que correm em tempos chuvosos de invernos húmidos, tornando-se automaticamente intransitáveis. Os caminhos, só na baixa primavera, podiam ser praticados pelas legiões de Roma, como antes de haver estradas <sup>(1)</sup> pelos almocreves, pelo que não precisavam de pontes.

Paralela a esta, ao correr do Douro, desce desde Zamora, outra via romana por terra de Sayago, onde ainda persistem várias pontes de pequena dimensão (sete ou oito) e vai por Fermoselhe, creio que sempre ao correr do Douro em cuja orla correspondente há restos de uma intensa colonização romana. No baixo Sayago (em Bermillo), derivava para a esquerda outro lanço que ia a Ledesma e dali para Salamanca.

Em nenhuma destas vias apareceram miliários.

É de registar que entre estas vias paralelas, havia ligações, que atravessavam o rio Douro, pondo os castros ribeirinhos em comunicação <sup>(2)</sup>. Assim, começando no território português, havia a passagem de Aldeia Nova, onde apareceu a célebre inscrição honorífica do porta-bandeira AEMÍLIO BALAESO, da Ala Sabnina, como homenagem da sua Centúria que comunicava com o seu castro fronteiro do lado espanhol.

Até Miranda do Douro para Sul, havia mais duas passagens que registam as crónicas.

Entre Cércio, Freixiosa e o castro fronteiro, onde assenta a Virgen del Castilho, em Fariza, diz a tradição que havia outra passagem, assim como entre os termos de Vila Chã e Picote e o lado de lá do Douro, no Castro de Tetinas, havia a passagem de *Tetinas*, em cujo leito do Douro subsiste uma calçada (*Calçada de Tetinas*), que permitia vadear o rio a homens

---

<sup>(1)</sup> Abade de Baçal, *op. cit.*, idem.

<sup>(2)</sup> J. M. Roldan Hervas, *ITER AB EMERITA ASTURICAM EL Camino de la Plata*, Salamanca, 1971, págs. 153-154.

e animais em épocas de verão e ainda é tradição local que os romanos a construíram e a praticaram.

Entre Urrós, Bemposta e Fermoselhe, estão patentes as pegadas castrejas romanizadas de Maxide e do Castelo de Mirad'Aires e a passagem do Douro fazia-se onde hoje é a passagem de Múcina, em que o Douro também se podia vadear, na confluência com o Tormes.

Mais para Sul, até Freixo de Espada-à-Cinta e Barca de Alva, repetia-se o mesmo fenómeno, que nos é confirmado pela abundância de inscrições romanas votivas dedicadas ao Deus Júpiter (Conservator e Depulsor) e funerárias dedicadas a soldados, aparecidas em Terra de Miranda, Mogadouro, Lagoaça, Carviçais, Felgar, Felgueiras, junto às minas de Ferro já citadas.

Uma solene ara votiva de mármore, por mim identificada, em Saldanha, Mogadouro, há cinco anos dedicada a Júpiter Depulsor, por um veterano da Famosa Légio VII Gemina Pia Felici <sup>(1)</sup>, e mais outra aparecida, já depois em Sanhoane, a pouco mais de uma légua desta, na orla da via que atrás definimos, são sinais de frequência militar (em ocupação? em trânsito?) em toda esta zona, o que nos confirma a tradição e as poucas embora referências a esta via secundária romana paralela aos rios Sabor e Douro que o saudoso Abade de Baçal pretende negar <sup>(2)</sup>.

A ponte a que vamos referir-nos, fica no distrito de Bragança, vinte quilómetros ao Norte de Mirandela, onde uma outra com 18 olhais de arco de meio ponto e apontados atravessa o rio Tua e está representada no Catálogo dos Monumentos Nacionais como romana. (Talvez o seja na origem, todavia já sofreu várias restaurações em épocas diferentes e não sei se conserva ainda algum arco nas extremidades com indícios de romanidade). O Abade de Baçal refere documentação dos séculos XVI e XVIII que manifestam participação da Câmara

---

(1) António Maria Mourinho, *Revista da Faculdade de Letras do Porto, História*, vol. III, 1973, págs. 5-9.

(2) Abade de Baçal, *op. cit.*, LX, pág. 212.

de Montalegre e de outros concelhos limítrofes para reparação desta ponte de Mirandela, pois ela foi sempre vital para a comunicação válida entre os distritos de Bragança e de Vila Real <sup>(1)</sup>.

#### A «PONTE DE PEDRA»

No ano de 1977, regressava eu pela estrada de Valpaços a Bragança, pela Torre de Dona Chama e notei, a três quilómetros desta antiga vila, ao enfrentar o rio Tuela que as aduelas dos arcos da ponte que o atravessa, sob a mesma via, eram semelhantes aos da Ponte de Chaves e da Ponte de Salamanca sobre o rio Tormes.

Tendo passado já para o lado da Torre, encostei o automóvel no extremo nascente e voltei atrás para confirmar o meu pensamento.

Desço ao rio e vejo no extremo dos arcos que são seis, dois grandes viadutos quadrados, para o escoamento das águas nas grandes enchentes e verifico no interior do primeiro arco e logo em todos, as fissuras longitudinais do «*forfex*», no centro dos silhares, em toda a dimensão inferior dos arcos. Na extremidade poente, abrem-se outros quatro viadutos, como os do lado nascente. Perguntei aos cantoneiros que ali trabalhavam, como se chamava aquela ponte, que me responderam chamar-se «*a Ponte de Pedra*».

Nota-se porém que os cortamares de entre os arcos, a montante, são avançados em proa viva de navio, em silharia muito regular e mais recente, já moderna, assim como os de jusante, menos avançados e de frente arredondada.

Nota-se perfeitamente que foi aproveitada toda a estrutura arquitectural central dos arcos e suas ligaduras muito resistentes, e reforçados os cortamares, parece que por adossamento por materiais novos talvez em meados do século XIX ou após, quando da adaptação desta ponte ao trânsito rodoviário de novas e mais pesadas viaturas.

---

(1) Idem, *op. cit.*, LX, 214.

Julgando eu esta peça esquecida pelos estudiosos da civilização romana em Trás-os-Montes, consultei o volume ix das «*Memórias Arqueológico-Históricas*» do Abade de Baçal e já em 1934 ele se refere a esta Ponte da seguinte maneira: «A Ponte de Pedra sobre o rio Tuela, logo adiante da Torre de Dona Chama, consta de seis arcos de volta redonda, com os vincos do «*forfex*» bem nítidos, mas apresentando a singularidade de serem cavados em forma de cunha, secção quadrangular, que vai adelgaçando para o interior da aduela.

«Robusta em si e nos cortamares. Numa e noutra extremidade, abriram-lhe dois grandes viadutos quadrangulares para o escoamento das águas nas grandes enchentes. É romana, se bem que com reconstruções» — conclue (*Op. cit.*, pág. 203).

Entre outras particularidades, notamos as incisões bárbaras cavadas entre os silhares de granito nas bases interiores dos arcos, as quais não sabemos se serão iniciais se posteriores, talvez para apoiar os cimbrós (Fig. 3, Est. II).

Não nos foi possível fazer uma fotografia total da mesma ponte, em grande plano e de todo o seu conjunto por causa da cortina opaca de amieiros e choupos que a encobrem tanto a montante como a jusante, tanto no centro como nas bordas.

Nas fotografias que adiante apresentamos podemos fazer alguma ideia do conjunto e pormenores desta ponte.

### CALÇADA ROMANA (?)

Em linha recta, prolongando a saída da ponte para Nascente, atente-se num caminho empedrado de grandes blocos de granito que segue em direcção citada entre prados e terras de cultura e vem perder-se depois nos montes incultos que já não explorei, para além dos 800 metros.

Esta calçada, por falta de trânsito e pelas enxurradas hibernais e das grandes trovoadas, encontra-se bastante maltratada, como se vê pelas fotografias que se juntam (Figs. 9 e 10, Est. v).

Consegui explorá-la a quase mil metros da ponte; do lado Poente, para Valpaços, não consegui identificar rastos de continuação da mesma.

O terreno sobre que assenta a mesma calçada é de constituição granítica e arenosa e tem espaços onde passa sobre a rocha viva, sendo visível os sulcos das rodeiras dos carros, com cerca de 0,40 cm de profundidade.

Noutras partes, a profundidade do caminho gasto pelo trânsito que agora é nulo, pode atingir 1 ½ m.

A cerca de trezentos metros da ponte, também se verifica uma bifurcação da mesma calçada em dois ramos, seguindo um na direcção do Nascente, por entre silvados e giestas e outro diverge para Sul, na direcção da Torre de Dona Chama.

A 40 m da saída da ponte, no meio da calçada, está uma pedra furada em secção de meio arco abatido, do que não sei dar explicação.

A pouco mais de 50 m da saída da mesma ponte e à beira desta calçada, está uma quinta em ruínas, e um conjunto de casas em parte já destelhadas e todas abandonadas de há poucos anos, mantendo-se ainda alguns sobrados de moradias e palheiros com escadas de acesso exteriores de pedra, que parecem de feitura medieval. Em uma das paredes voltadas a Poente, chama-nos a atenção uma pedra cilíndrica com mais de 1 m de comprimento, partida numa das extremidades, que terá pertencido a outras construções, ou terá sido um marco miliário (?).

À porta de uma das casas está espetada no chão uma pedra, já enegrecida de líquenes, com orifício de 0,09 de diâmetro que terá servido para prender animais, muares ou cavalos.

A maior parte das casas, senão todas, estão assentes sobre uma grande superfície de rocha de granito. Em volta das mesmas subsistem negrilhos de troncos grossos multisseculares.

Entre a dita ponte e estas casas semiderrubadas, do lado do meio dia, há campos cultivados de centeio entremeados de troncos de oliveiras multisseculares, senão milenárias.

Todos estes factores me levam a perguntar, se o local das ditas casas não terá sido originariamente uma MANSIO romana, ali junto da ponte, a que não faltavam campos de cultura de pão, vinho e azeite e prados para pastagens de animais, mais tarde transformada em quinta medieval (Figs. 11 e 12, Est. VI).

### CONCLUINDO

1.º — Houve uma via romana que atravessava de Norte a Sul todo o actual distrito de Bragança, entre Douro e Sabor, ao correr do planalto Mirandês, paralela à serra de Mogadouro, até perto de Moncorvo, onde junto das ferrarias do Reboredo se repartia em três ramos, um dirigido a Chaves, outro para Sul, para Viseu e Portucale e Conímbriga, outro para Freixo de Espada-à-Cinta, atravessando o Douro para Salamanca.

2.º — Esta ramificava-se ao correr do Douro internacional como uma escada, sobre pontos fáceis de vadiar o rio que ligavam com outra paralela do lado oposto. É conveniente que se faça estudo mais preciso destes casos.

3.º — A *PONTE DE PEDRA* da Torre de Dona Chama, situada na estrada nacional N.º 315, a cerca de 3 km a poente daquela antiga vila, sobre o rio Tuela, é uma *ponte romana*, bem conservada na sua parte de origem, com cerca de 100 m de comprimento, constante de seis arcos de volta redonda formados por aduelas de granito aparelhado da região, marcadas ao centro pelas fissuras do «forfex», e mais quatro viadutos quadrangulares, dois em cada extremidade (Figs. 4, 5 e 6), a qual embora pertencendo e servindo actualmente à Junta Autónoma das Estradas, como rodovia de trânsito actualizado, *deve a Direcção Geral do Património Nacional diligenciar que seja classificada de MONUMENTO NACIONAL ROMANO e inscrevê-la no respectivo catálogo e procurar junto da mesma Junta Autónoma das Estradas a sua preservação e conservação, sobretudo na parte original romana.*

4.º — A *calçada* que dá acesso a esta *Ponte de Pedra* (Figs. 9 e 10) seria na origem calçada romana e as casas a que atrás me referi, junto à mesma, teriam origem numa *MANSIO* (?): dois factores que conviria estudar, através dos alicerces das mesmas casas, com mais minúcia, a fim de se poder chegar a dados mais concretos, mesmo pela avaliação etária dos dois olivais ali juntos que certamente eram propriedade da mesma quinta.

Duas Igrejas — Miranda do Douro  
Outubro de 1978



Fig. 1 — Vista geral da Ponte de Pedra.



Fig. 2 — Pormenor dos quatro arcos centrais.



Fig. 3 — Interior de um arco, notando-se as aduelas marcadas com sinal do *forfex*.



Fig. 4 — Arco extremo do lado nascente e os dois viadutos quadrangulares.

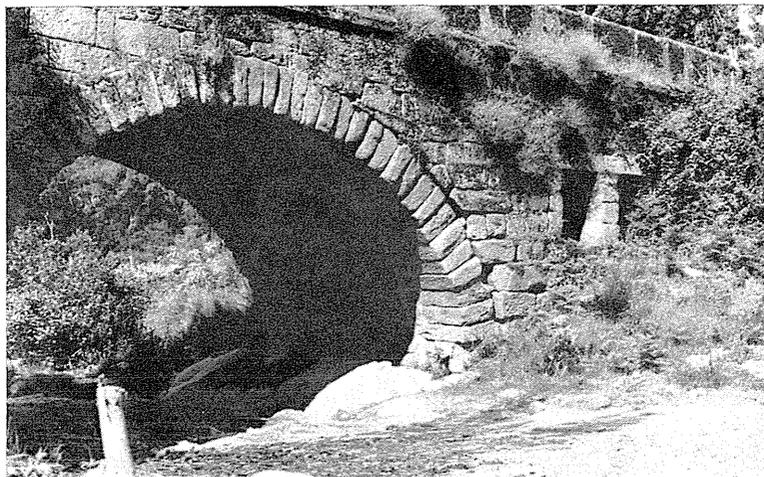


Fig. 5 — Arco extremo do lado Poente, face Norte, com os dois viadutos.

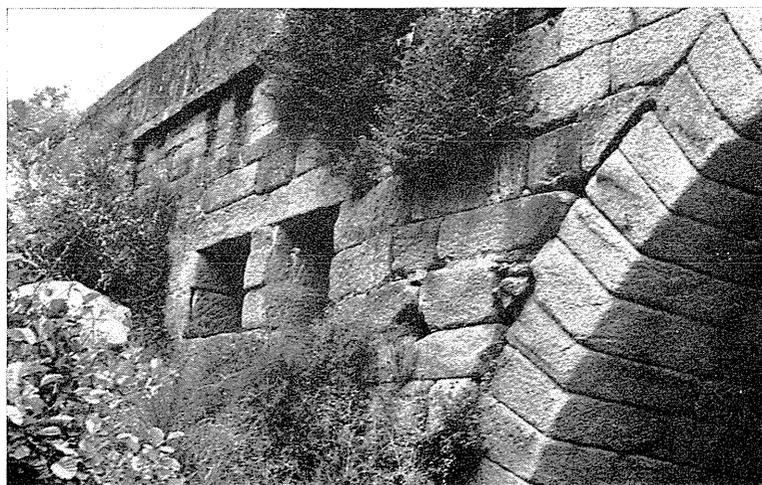


Fig. 6 — O mesmo arco, e os dois viadutos, mas do lado Sul. À esquerda sobressai a construção superior e posterior em ângulo recto, sobre a qual dispuseram as guardas da ponte adaptada ao trânsito actual.

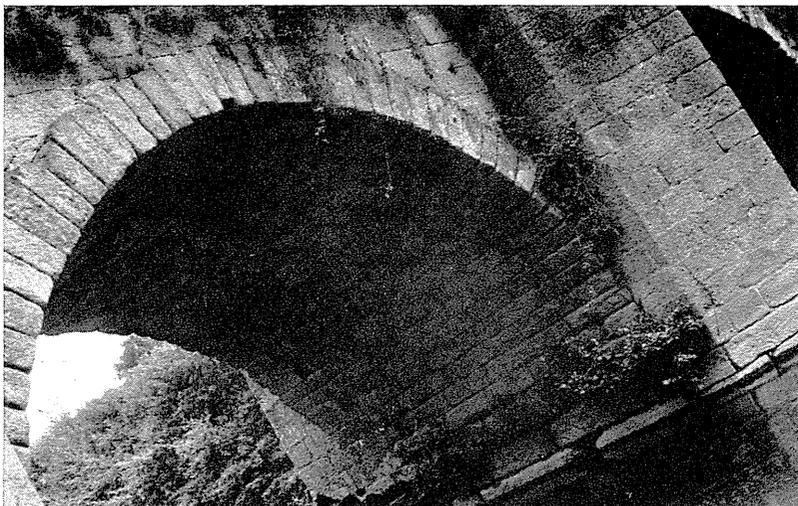


Fig. 7 — Neste arco bem lançado, verifica-se a robustez das aduelas e de toda a fábrica desta ponte, assim como a época e fábrica diferentes dos contamares.



Fig. 8 — Os sinais do *fortex* em outro dos arcos. Lado nascente.



Fig. 9 — Calçada romana que ligava à ponte. Junto da árvore vêem-se ruínas das casas.



Fig. 10 — A 30 metros à saída da ponte, para nascente, no meio da calçada está esta pedra furada que não sei o que seja.



Fig. 11 — A velha quinta em abandono: lado nascente.



Fig. 12 — Pormenor das escadas de acesso ao 1.º andar.